A CONSTRUÇÃO DE METÁFORAS SOBRE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS: POLIFONIA EM QUESTÃO

Neiva de Aquino Albres[1]
Vânia de Aquino Albres Santiago[2]

RESUMO: Desenvolvemos uma análise de histórias em quadrinhos - HQs, como enunciados concretos, buscando a representação do intérprete de língua de sinais e da tradução enunciadas em metáforas, servindo-nos, para essa análise, da teoria bakhtiniana dialógica da linguagem. As questões que se colocaram nesta pesquisa foram: Que metáforas são construídas sobre o intérprete e transmitidas por estes textos verbo-visuais? As metáforas sobre os intérpretes de língua de sinais são envolvidas de polifonia? Consideramos que tais textos verbo-visuais estabelecem relações dialógicas com o movimento social de reconhecimento da profissão de tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras e de inclusão dos surdos, como também dos problemas enfrentados por este profissional, das contradições sobre os papéis a serem assumidos pelo tradutor e intérprete de língua de sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Verbo-visual; polifonia.

ABSTRACT: We have developed a dialogical analysis of HQs as a representation of the sign language interpreter and translation contained in metaphors, based on Bakhtinian dialogic theory of language from concrete sentences (BAKHTIN, 2010). The questions raised in this research are: What metaphors are built on the interpreter and transmitted by these verbal-visual texts? Metaphors about sign language interpreters are concerned polyphony? We considered that such verb-visual texts establish dialogical relations with the social movement of acceptance of the profession of translator and interpreter of Brazilian Sign Language and inclusion of deaf, as well as the problems faced by this professional, the contradictions of the roles to be assumed by the translator and sign language interpreter.

[1] Doutorado e Mestrado na área de Educação. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais - InterTrads, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET e professora da área de Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: neiva.albres@ufsc.br

[2] Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem PUC/SP. Mestrado em Educação Especial pela UFSCar. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Didática e ensino de tradutores e intérpretes de línguas de sinais – DETILS. Docente do curso de Especialização de Tradutores/Intérpretes de Libras e Língua portuguesa – Instituto de Ensino Superior de São Paulo – Singularidades, São Paulo, SP, Brasil. Tradutora e Intérprete de Libras e Guia-intérprete para Surdocegos. E-mail: vania.santiago10@yahoo.com.br

ISSN 2236-4013

KEYWORDS: Image; Verb-visual; Educational policy; Polyphony.

1. Introdução

O conceito de tradução passou por profundas modificações no último século. Desde as concepções tradicionais, essencialistas ou linguístico-científicas que entendem a tradução como transparente e neutra até concepções mais contemporâneas que entendem a tradução como a produção de um novo texto, que sofre influências do tradutor e do seu contexto histórico (SILVA, 2011).

As tentativas de conceituar a tradução e de explicar os processos que ocorrem na atividade tradutória são envolvidas de uma discursividade que explora metáforas para sua explicação. Neste estudo, a metáfora é entendida como um processo histórico-cultural que determina o caráter de novidade do signo linguístico. Transgredindo o significado padrão, os falantes podem explorar novos significados no processo de interação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999).

Bassnett (2003), ao desenvolver um estudo histórico sobre os estudos da tradução, indica o emprego de diferentes metáforas para se referir aos tradutores e suas ações. Desde a tradução como cópia, tradução como transporte de mensagem, tradução como reflexo do original (refração), tradução transparente, entre outras. Em abordagens contemporâneas, explica-se a tradução como manipulação, alimentação, considerando que um texto se alimenta de outro.

As línguas de sinais têm ganhado seu status linguístico por meio dos estudos linguísticos e da luta da comunidade surda (BRITO, 2013), como também ganhado espaço nos estudos da tradução e da interpretação em diferentes países (SANTOS, 2013).

No Brasil, em 2002, a Língua Brasileira de Sinais – Libras é reconhecida como língua da comunidade surda pela Lei nº 10.436 e diretrizes sobre educação bilíngue para surdos são instituídas pelo Decreto nº 5.626/2005. (BRASIL, 2005). A comunidade surda tem produzido discursos sobre os tradutores/intérpretes de línguas

ISSN 2236-4013

de sinais[3]e sobre seu trabalho. Alguns destes discursos são apresentados por meio de textos verbo-visuais, como em "histórias em quadrinhos" veiculadas em redes sociais tendo como destinatários a própria comunidade. Desta forma, interessa-nos olhar estes textos que retratam os tradutores e intérpretes em diferentes esferas, mediando a comunicação entre surdos e ouvintes, e analisar os discursos que fazem uso de metáforas construídas sobre a atividade de tradução/interpretação de língua de sinais.

As questões que se colocam nesta pesquisa são: Que metáforas são construídas sobre o tradutor/intérprete de língua de sinais e transmitidas por histórias em quadrinhos? As metáforas sobre os tradutores/intérpretes de língua de sinais são envolvidas de polifonia? Compreendendo que os enunciados se apresentam, contemporaneamente, cada vez mais com elementos verbo-visuais, tendo em vista os novos suportes e linguagens que a modernização disponibiliza, como a Internet, o objetivo deste trabalho é de contribuir para a compreensão das representações sobre o tradutor/intérprete de língua de sinais.

2. Gênero narrativo em história em quadrinhos e polifonia

Em oposição a uma corrente filosófico-linguística do *objetivismo abstrato* e outra corrente de pensamento, o *subjetivismo idealista,* Volochínov (2017) propôs uma nova perspectiva na construção do conhecimento linguístico, em que a língua só pode ser estudada enquanto fenômeno de interação humana, envolvendo os aspectos históricos e sociais que os sujeitos em particular se encontram, ou seja, em um dado

[3]A distinção genérica entre tradução e interpretação está essencialmente na presença dos interlocutores, dos processos cognitivos e no tempo de execução da tarefa. Para tradução interlocutores ausentes e tempo de produção/revisão, enquanto que para a interpretação interlocutores presentes, geralmente, face a face e atividade imediata de trabalho com as línguas. "Esses dois processos, embora cunhados na translação de material linguístico-cultural de uma língua à outra, caracterizam-se pela maneira por meio da qual acontecem linguística, cognitiva e operacionalmente. Nesse sentido, esses campos disciplinares são justapostos e interdependentes, já que sua coexistência é inevitável, e, ao mesmo tempo, distintos e singulares em relação à especificidade de seu foco de estudos" (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 19). Tradutores/intérpretes de línguas de sinais têm trabalhado com os dois processos, quando da tradução a língua é materializada por vídeo-gravação ou escrita de sinais e para a interpretação mediando a comunicação entre sujeitos. Neste trabalho, visto que os enunciados das HQS retratam a profissional em atividade de interpretação, optamos por retratar no texto o termo intérprete de língua de sinais.

ISSN 2236-4013

momento concreto da existência. Assim, o dialogismo, na perspectiva bakhtiniana, constitui o modo de funcionamento real da linguagem e o princípio constitutivo dos enunciados, de tal modo que todo enunciado constitui-se a partir de outro, e é uma réplica deste (BAKHTIN, 2010b). Nas palavras de Bakhtin:

> Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra "resposta" no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2016, p. 57).

Seguindo no pensamento bakhtiniano e do círculo, a questão do gênero do discurso está diretamente ligada ao conceito de enunciado, tanto no que diz respeito ao ato de produção do discurso oral, quanto para o discurso escrito. Os enunciados têm como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns e limites precisos, assim, para a caracterização de um gênero, faz-se necessário a compreensão desses limites, para além do conteúdo temático, o estilo, a construção composicional, no entanto o estilo é especialmente determinante.

Nas palavras de Bakhtin, onde há estilo há gênero, e a passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o caráter do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio, como também destrói ou renova tal gênero. Da mesma forma para o autor, os enunciados e seus tipos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 21).

De tal modo que, diversos gêneros discursivos em circulação trabalham, também, com esse caráter não verbal das linguagens ao se constituírem como textos. Tomamos, aqui, o conceito bakhtiniano de gêneros do discurso, em que se entende texto como resultado das diversas confluências, imbricações discursivas, ideologicamente envolvidas, em que nos constituímos como seres humanos, pensantes e produtivos.

ISSN 2236-4013

Assim, essas interações discursivas ultrapassam o uso exclusivo de formas linguísticas, e nessa perspectiva, as imagens, o som, os gestos, a cor e a textura são elementos passíveis de leitura. Aprendemos a ler o visual, pois ele está inserido em nossa cultura e nos novos modos de circulação das informações e, por meio do visual, ampliamos a capacidade e possibilidade de interpretação de determinada informação. Brait (2013) esclarece que a linguagem verbo-visual pode ser considerada como um enunciado concreto, articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, o verbal e o visual, como unidade de sentido, como esse enunciado concreto constituído a partir de determinada esfera estético-ideológica (BRAIT, 2013).

Para além do estilo, aqui considerando a verbo-visualidade apresentada no gênero História em quadrinhos, objeto de análise, o entendimento dos limites dos enunciados para a compreensão de gênero, se coloca também como ponto essencial para uma análise dialógica do discurso. No estudo de gênero na perspectiva bakhtiniana, para sua caracterização, e, portanto, leitura do gênero do discurso, há que se considerar a peculiaridade de conclusibilidade dos enunciados que o compõe o gênero, que para Bakhtin, "é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso" (BAKHTIN, 2016). Ainda sobre a conclusibilidade dos enunciados, observamos como importante critério a possibilidade de resposta ao enunciado, em um dado momento e em determinadas condições.

Outro aspecto que nos interessa no pensamento de Bakhtin, considerado por ele como constitutivo do enunciado, é a possibilidade de seu direcionamento a alguém, de seu endereçamento. "Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a qual tal enunciado se refere" (BAKHTIN, 2016, p. 63).

Nessa perspectiva, qualquer análise parte do processo real de vida e dos ecos ideológicos deste processo que deve ser analisado, considerando-se o contexto sócio-histórico em que foi produzido e veiculado. Podemos nos debruçar sobre enunciados

ISSN 2236-4013

verbo-visuais, como outra forma de manifestação enunciativa, ou seja, outro meio de expressão humana, mas não de menor valor:

> Numa abordagem ampla das relações dialógicas, estas são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria *sígnica*. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalinguística (BAKHTIN, 2002, p. 184).

Ao dar oportunidade para a análise de outras linguagens e estilos, Bakhtin inaugura uma nova forma de construir conhecimento, ampliando as possibilidades dos estudos da linguagem. Considerando que os enunciados de diversas esferas, entre eles o do *corpus* desta pesquisa, apresentam uma dimensão verbo-visual imprescindível para a sua compreensão, os aspectos visuais, em especial as ilustrações que fazem parte dos textos de hipermídias[4] e de materiais impressos. Assim,

> o enunciado/texto verbo-visual caracteriza-se como dimensão enunciativo-discursiva reveladora de autoria (individual ou coletiva), de diferentes tipos de interlocuções, de discursos, evidenciando relações mais ou menos tensas, entretecidas pelo face a face promovido entre verbal e visual (BRAIT, 2013, p. 62).

Não obstante, nesta visão sobre os estudos da linguagem, é possível observar, também nos enunciados verbo-visuais, uma pluralidade de vozes sociais coexistentes em diálogo, que conforme Bakhtin observa na análise da obra de Dostoiévski, "Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada determina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência." (BAKHTIN, 2015, p. 293). Em um romance, como o de Dostoiévski, essa tendência obstinada a ver tudo como coexistência é o que produz a *polifonia.*

Ao aproximar o olhar para os textos verbo-visuais, com base no entendimento de que a polifonia é uma qualidade da produção discursiva em que "o homem entra no

[4] Junção de várias mídias em sistemas eletrônicos de comunicação. Uma forma bastante comum de Hipermídia é o Hipertexto, no qual a informação é apresentada ao usuário sob a forma de texto, através de uma tela do computador. A Hipermídia pode ser considerada uma extensão do Hipertexto, entretanto, inclui, além de textos comuns, sons, animações e vídeos (BUGAY, 2000).

ISSN 2236-4013

diálogo como voz integral e participa dele não somente com seus pensamentos, mas também com seu destino, com sua individualidade", e que também o homem "existe realmente nas formas do eu e do outro" (BAKHTIN, 2015, p. 329-330).

Portanto, de maneira impreterível, sob essa perspectiva nos colocamos a observar a produção/circulação das histórias em quadrinhos sobre tradutores/intérpretes de Libras, e com o intento de compreender os discursos e suas nuances, como também a produção de sentidos sobre os esses profissionais.

3. Descrevendo a pesquisa – aspectos metodológicos

Esta pesquisa configura-se como de natureza teórica e abordagem qualitativa, nas Ciências Sociais a abordagem qualitativa

> [T]rabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2009, p. 21).

Tem como objetivo a explicação do fenômeno, ou seja, pretende "identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos" (GIL, 1989, p. 46), procura explicar a razão e o porquê dos discursos construídos sobre os tradutores/intérpretes de línguas de sinais. Na perspecitva histórico-cultural e enunciativo-discursiva há "a necessidade de uma pesquisa que focalize concretamente os fatos aliando a compreensão à explicação" (FREITAS, 2007, p. 5). Assim,

> [...] a abordagem histórico-cultural aponta para uma outra maneira de produzir conhecimento envolvendo a arte da descrição complementada pela explicação, enfatizando a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico, no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social (FREITAS, 2007, p. 5).

Podendo ser classificada, dentre os procedimentos de pesquisa, de estudo de caso (GIL, 1987), ou seja, um estudo a fim de permitir uma compreensão mais

ISSN 2236-4013

detalhada sobre um determinado fenômeno. Neste trabalho, particularmente, o objeto de estudo é o enunciado, enunciado verbo-visual, constituído por relações dialógicas (ACOSTA-PEREIRA, RODRIGUES, 1991) e relacionado ao cotidiano do tradutor/intérprete de língua de sinais. Temos explorado diferentes espaços interativos como as redes sociais na Internet. Elegemos o Facebook como espaço virtual para analisar a construção de sentidos sobre o tradutor/intérprete em histórias em quadrinhos

Verificamos os diversos textos veiculados nas redes sociais sobre os tradutores/intérpretes de língua de sinais em diferentes esferas discursivas. Após pesquisarmos os materiais existentes, selecionamos a página That Deaf Guy- Matt Daigle[5] em que um desenhista surdo disponibiliza sua arte sobre cultura surda, e em tom humorado produz também HQ's sobre tradutores/intérpretes de língua de sinais. É interessante ressaltar que o personagem principal dos quadrinhos é surdo e é casado com uma tradutora/intérprete ouvinte e o filho do casal é ouvinte. Esta informação nos dá uma dimensão de que o autor tem conhecimento sobre a atividade do tradutor/intérprete e, portanto, decide representá-la em sua arte. Esta página tem mais de 31 mil curtidas. A página foi criada em 2011, dentre mais de 200 quadrinhos postados sobre as mais diversas situações que envolvem a vida cotidiana de um personagem surdo, 11 referem-se à atividade de tradução/interpretação de língua de sinais, dentre estes escolhemos três HQ's que recorrem às metáforas para explicar o trabalho do tradutor/intérprete. A página escolhida é de autoria de um artista americano surdo, portanto, os enunciados nos quadrinhos são apresentados em inglês. Para fins de análise, desenvolvemos a tradução dos diálogos para o português, e em seguida a análise dos enunciados.

Os textos verbo-visuais têm autoria e são marcados historicamente, são destinados a um interlocutor em potencial. Amorim (2001) propõe que a relação entre o sujeito cognoscente e o sujeito a conhecer é de alteridade fundamental e que o objeto

[5] Disponível em https://www.facebook.com/thatdeafguycomic

ISSN 2236-4013

das Ciências Humanas não é somente já falado, mas, na condição de texto, também objeto falante.

> A análise de enunciados verbo-visuais em uma perspectiva bakhtiniana deve se pautar, por um lado, no seu caráter real e objetivo e na sua capacidade, enquanto manifestação humana, de determinar o seu modelo de análise, e, por outro, nas questões e categorias teóricas previamente definidas pelo pesquisador. É no diálogo, por um lado, do pesquisador e sua teoria com, por outro, seu objeto falante que está o fundamento epistemológico da teoria de Bakhtin e seu Círculo (GRILLO, 2012, p. 237).

Enquanto pesquisadoras, propomo-nos a analisar textos verbo-visuais, expressão humana marcada histórica e ideologicamente, inacabada e inconclusa a espera de novos interlocutores ativos e responsivos que compartilhem socialmente de discursos sobre tradutores/intérpretes. Ao selecionarmos o material para este trabalho, identificamos três metáforas apresentadas nas histórias em quadrinhos que refletem e refratam os discursos na comunidade surda sobre os tradutores/intérpretes.

Como cada horizonte avaliativo se materializa verbalmente (há uma espécie de ligação orgânica entre elementos verbais e visão de mundo), denominamos esses conjuntos verbo-axiológicos de línguas sociais. Essas *línguas sociais* (também chamadas de *vozes sociais)* são uma espécie de tecido em que se entrelaçam palavras e valores; são conjuntos difusos de visões de mundo (sistemas sociais de crenças) e elementos verbais (FARACO e NEGRI, 1998, p.165).

Para tanta, descrevemos e interpretamos estes enunciados, respeitando a sua constituição na dinâmica de diversas vozes sociais e na possibilidade de uma constituição polifonia. Portanto, adotamos o método dialético de análise dos textos verbo-visuais.

ISSN 2236-4013

4. Análise dos dados

As 'histórias em quadrinhos' tendo como público a comunidade surda[6], é veiculada em redes sociais e conta com um perfil de enunciatário presumido, heterogêneo em sua abrangência, por isso segue um projeto enunciativo que procura atender a esse público que, neste caso, incita o humor. Sob esse ponto, dois aspectos devem ser considerados. Se por um lado há uma avaliação prévia das expectativas desse público, por parte do enunciador, por outro lado, existe também a intenção de comunicação do artista surdo responsável pela ilustração, pela construção do personagem, que tem uma intenção humorística, de tratar dos fenômenos do cotidiano dos tradutores/intérpretes e dos surdos refratando a ideologia dessa comunidade. Por isso, os textos verbo-visuais em forma de 'história em quadrinho' estabelecem um diálogo entre autor e interlocutor envolvidos dos aspectos sociais e históricos deste contexto.

Analisamos, neste trabalho, três histórias em quadrinhos que apresentam na base dos seus enunciados o uso de metáforas. As HQ's foram nomeadas para fim de análise com a ideia de metáfora que apresentam. São elas: a) Interpretação rompe barreiras: acessibilidade; b) Enrolar-se na interpretação: revisão, c) Missão secreta: confidencialidade.

[6] Participam da comunidade surda, além dos Surdos, os ouvintes familiares de surdos, amigos de surdos, pesquisadores e profissionais que atuam no atendimento de pessoas surdas e de seus familiares, ou seja, todas as pessoas que convivem construindo e compartilhando de uma mesma história neste mundo onde a principal vivência permeia o uso da língua de sinais. Assim, a grafia de Surdo é registrada com letra maiúscula, carregando uma visão positiva do ser Surdo como uma das estratégias discursivas de resistência referente a essa minoria linguística marcadamente inscritos nos Estudos Surdos (SKLIAR, 2005).

ISSN 2236-4013

a) Interpretação rompe barreiras: acessibilidade

Imagem 1
HQs 1: Intérprete rompe barreiras
Publicação 18 de abril de 2013

No quadro 1 e 2 a personagem (intérprete) prepara-se para o trabalho vestindo equipamentos de proteção, luvas e óculos. No quadro 3, a personagem quebra uma parede de concreto, concentração e esforço físico.	No quadro 4, a intérprete enuncia em língua de modalidade oral o que a pessoa surda expressa em língua de sinais, ou seja, interpreta a enunciação para o médico: *Well doctor, my throat has been sore for about a* week... / **Bem doutor, minha garganta está dolorida faz uma semana...** O médico está posicionado do outro lado da parede quebrada. A pessoa surda é caracterizada pelo uso do aparelho auditivo e pelo movimento das mãos; e a intérprete é caracterizada pelo crachá.	Quadro 5, tomando um chá em outro cenário a intérprete e sua amiga dialogam: _Amiga: *So the job of an interpreter is to knock down barriers between* people / **Então, o trabalho de um intérprete é derrubar barreiras entre as pessoas.** _Intérprete: *Yep! Pretty much*/ Sim! Praticamente isso.

Tabela 1: Quadro de descrição e tradução da HQs 1

A construção da metáfora se inicia no primeiro quadro onde o artista/ autor evidencia a preparação da personagem para o trabalho de interpretação, vestindo luvas e um óculos de proteção, e em seguida a ação literal de abrir um buraco em uma parede de concreto, fica evidente o esforço físico da intérprete e sua ação, possibilitando, no quadro seguinte, que o médico veja a pessoa surda sentada, e possa interagir com ela (imagem 2).

ISSN 2236-4013

Imagem 2
Terceiro quadro da HQ's 1

Somente no quarto quadro podemos identificar no desenho que se trata de um consultório médico, e a mesma personagem que quebra a parede interpreta a sinalização da personagem surda, dando voz ao seu enunciado (imagem 3).

Imagem 3
Quarto quadro da HQ's 1

No último quadro, o artista/autor, com a mudança de cor do fundo do quadro e a existência de uma quarta personagem que não aparece nos quadros anteriores, dá a entender um outro momento e lugar, diferente da clínica médica, a intérprete está conversando com uma amiga tomando um chá com expressão facial serena e os enunciados a fala da amiga reforçam a noção da metáfora de "derrubar barreiras", a intérprete concorda com esta ideia sobre a interpretação (imagem 4).

Imagem 4
Quinto quadro da HQ's 1

Nesta história em quadrinhos, primeiro é apresentada a metáfora por meio do texto visual e no decorrer da história o leitor vai tendo acesso aos fatos que se

ISSN 2236-4013

encarregam de contribuir para a construção da metáfora, e ao final da história o leitor tem acesso ao texto que verbaliza esta concepção, o artista/autor sente a necessidade de explicitar a metáfora em um texto verbal complementando e confirmando o sentido pretendido.

Socialmente é comum dizer que os tradutores/intérpretes rompem barreiras, ligam pessoas e culturas. Podemos, aqui, identificar elementos que indicam a *polifonia* na enunciação deste artista/autor. Consideramos que este quadrinho representa uma consciência coletiva, vozes que permeiam a consciência cognoscitiva do autor sobre a finalidade da atividade da personagem, o intérprete da HQ, é nesse sentido que as personagens expressam o que o autor tem como "projeto de dizer" (BAKHTIN, 2015).

> A dinâmica sócio-histórica das comunidades humanas cria múltiplos horizontes interpretativos da realidade, cada um constituindo uma certa posição avaliativa dessa realidade. Como cada horizonte avaliativo se materializa verbalmente (há uma espécie de ligação orgânica entre elementos verbais e visão de mundo), denominamos esses conjuntos verbo-axiológicos de línguas sociais (FARACO E Negri, 1998,0P. 165).

Considerando-se o contexto sócio-histórico em que foi produzido e veiculado o quadrinho, vale destacar que o autor/artista é surdo e faz uso de serviços de interpretação, e decide representar a importância deste profissional para a comunicação com pessoas que não conhecem a língua de sinais. Identificamos a "coexistência e interação entre os personagens e o autor, elevados à condição de outras consciências, outros *selves"* (idem, p. 14, 15, 47, 49 e 51); (BAKHTIN, 2004b).

A descrição do artista/autor postada em conjunto com a HQs no Facebook indica que sua enunciação ecoa de suas experiências:

> Ei amigos,
> Intérpretes de língua de sinais fazem parte da minha experiência na cultura surda. Estou certo de que todos vocês sabem o que é ter "O MELHOR" intérprete realmente! Faz toda a diferença no mundo. Então, aqui está um reconhecimento a todos os intérpretes que quebram barreiras, não apenas para os surdos, mas para a comunidade ouvinte também. Mantenham as marretas preparadas e os dedos soltos! (DAIGLE, 2013, *tradução nossa*)[7]

[7] *Hey Friends,*

ISSN 2236-4013

"A enunciação é sempre de alguém para alguém. Responde e reclama uma resposta. Esta resposta ultrapassa os limites do verbal [...] a enunciação vive no jogo de compreensões responsivas, expressadas por signos verbais e não verbais" (PONZIO, 2008, p.95). Esta enunciação além de ecoar as vozes sociais que a constituem é destinada também aos tradutores/intérpretes que por sua vez, incorporam este discurso metafórico.

b) Enrolar-se na interpretação: revisão

Imagem 5
Quadrinho 3: Enrolar-se na interpretação
Publicação 3 de outubro de 2013

Quadro 1 - na cozinha:	Quadro 2 - em direção à sala:	Quadro 3 - na sala:
Is mom home from interpreting? / Sua mãe está interpretando em casa?	*Unwind? /* Desenrolar?	*Whoa! Tough assignment, huh? /* Uau! Tarefa difícil, hein?
Yeah, she said she needs you to help her unwind. /Sim, ela disse que precisa de você para ajudá-la a se desenrolar.		

Tabela 2: Quadro de descrição e tradução da HQs 2

Também nesta história em quadrinhos, o artista/ autor faz uso do texto verbal e visual para apresentar a metáfora, é importante salientar que o texto verbal pode ser

Sign language interpreters have always been a huge part of my deaf culture experience. I am sure you all know what it is like to have a really CHAMP interpreter! It makes all the difference in the world. So here is a shout out to all those interpreters who break down barriers, not just for the deaf but for the hearing community too. Keep those sledge hammers ready and those fingers flying!!!

ISSN 2236-4013

representado pelo enunciado oral, em língua de sinais ou até em pensamento explicitado nos quadrinhos. No primeiro quadro, no espaço da cozinha, o pai (surdo) pergunta ao seu filho (ouvinte) sobre o que a mãe dele (que é ouvinte e tradutora/intérprete) está fazendo e o filho o chama para que a ajude. No segundo quadro, o pai pensativo questiona que tipo de ajuda sua esposa que é tradutora/intérprete estaria a precisar. Quando chega a ela, no terceiro quadro, a personagem, que supostamente, estava em uma atividade de tradução ou de interpretação aparece "enrolada" em seus próprios braços e ele diz ser complicado ajudá-la. Podemos perceber também dois momentos na construção do discurso. Primeiramente, a apresentação da metáfora no texto verbal bem marcado; e segundo, a reapresentação da metáfora com o texto visual com uma significação ambígua. A desambiguidade pode ser resolvida na consciência do leitor.

Na HQ 2, o autor apresenta a metáfora no texto verbal "*unwind*". No enunciado do pai se repete a expressão metafórica na indagação do filho em pensamento (imagem 6), evidenciando o termo "desenrolar".

A partir da história é possível construir a compreensão de que a mãe estava a estudar algum texto para produção em língua de sinais. Apesar de o texto registrar "interpretando em casa", é no processo de estudo de uma tradução que reflexões e interpretação são testadas, requerendo ensaios e versões da forma de construção em língua de sinais no enunciado. "Assim, a tradução e a interpretação são processos linguísticos, comunicativos, cognitivos, culturais e textuais que envolvem diferentes comunidades ou grupos sociais" (RODRIGUES, 2018, p.303 - tradução nossa)[8]

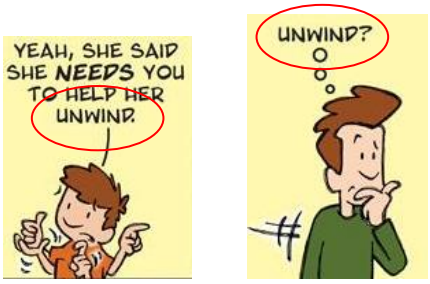

Imagem 6

[8] Thus, translation and interpreting are linguistic, communicative,cognitive, cultural and textual processes that involve different communities or social groups. (RODRIGUES, 2018, p.303)

ISSN 2236-4013

Primeiro e segundo quadro da HQ's 2

No último quadro, o artista/ autor traz o texto visual fazendo uso da metáfora (imagem 7). Utiliza-se do desenho para apresentar a metáfora de forma cômica. Essa expressão cabe no contexto do uso de uma língua de sinais em que os signos são produzidos por meio dos movimentos das mãos e braços, e, quanto mais difíceis os enunciados nesta língua, de modalidade gestual-visual, metaforicamente, mais difíceis são os movimentos do corpo. No entanto, entende-se que a complexidade está no processo cognitivo do trabalho do tradutor/intérprete.

Imagem 7
Terceiro quadro da HQ's 2

Em momentos que se desenvolve um trabalho e não se consegue avançar é possível dizer metaforicamente que este trabalho "está enrolado". A construção da metáfora está em substituir o processo difícil por um fio que se enrola. Este termo foi aplicado especificamente na comunidade surda, considerando que a língua de sinais por ser de modalidade gestual-visual envolve em sua produção as mãos, braços, corpo e expressões faciais. Sendo possível, neste caso, "enrolar os braços" no processo de enunciação em língua de sinais. A ilustração explora esta metáfora ao apresentar o desenho da personagem (tradutora/intérprete) com os braços "enrolados" no corpo.

Esta referência de "enrolar-se" no processo de tradução, que a ilustração do terceiro quatro da história nos remete, contribui para construção de sentido da dificuldade do trabalho solitário, conduzindo o pensamento para o trabalho colaborativo, para o auxílio de outro no processo de tradução. Vale considerar que este 'outro' é uma pessoa surda. Assim, os tradutores poderiam contar com a colaboração

ISSN 2236-4013

de profissionais surdos para contribuir com o processo de tradução, atuando como parceiros ou como revisores.

Constatamos a indicação de polifonia nos enunciados do personagem surdo, também autor da história em quadrinho. Espera-se a autonomia de consciência da personagem em relação aos próprios personagens quanto ao leitor e, inclusive, quanto ao próprio autor (BAJTIN, 2004, p.15). Mas, a criação de uma história está envolvida de outras muitas histórias vivenciadas pelo autor. Podemos afirmar que o personagem é nada mais que a *autoconsciência* do autor (Ibid. 2004b, p.79) e refrata um movimento dos surdos de tornarem-se também tradutores e revisores.

Pesquisas no campo dos estudos da tradução têm indicado aspectos peculiares quando da tradução por tradutores surdos, Costa *apud* Souza (2010, p. 22) explica que "o procedimento tradutório é mais bem compreendido quando conseguimos compreender dois momentos textuais – o eminentemente ideacional e o de reescritura – e os problemas que lhes são inerentes" e ressalta as restrições impostas pela retextualização em um código com modalidade diferente. O autor ressalta a importante participação de tradutores surdos para enfrentar estes problemas nos trabalhos de tradução e interpretação. "O reconhecimento e o entendimento da figura do profissional surdo tradutor-ator é um elemento de fundamental importância para a formação de pessoas interessadas em trabalhar com a tradução, tanto profissional quanto academicamente, ou interpretação de língua de sinais" (SOUZA, 2010, p. 161).

Hoje, muitos surdos vivenciam a atividade de tradução/ interpretação e começam a tomar consciência da sua complexidade, não mais como meros expectadores, mas como produtores de textos e discursos versados de uma língua para outra, é um momento de consciência da comunidade surda sobre a atuação do tradutor/ intérprete de língua de sinais.

A mensagem do artista/autor, nos comentários do post no Facebook, indica a compreensão que ele tem sobre as dificuldades do trabalho efetuado pelos tradutores e intérpretes de língua de sinais:

> Olá amigos,
> Na semana passada nós estávamos no "*LA Deaf Festival*" e vi muitos intérpretes que trabalham tão rápido e com tanto entusiasmo

ISSN 2236-4013

> que não pude deixar de pensar que até o final dia, eles devem ter se sentido como Helen. Então, para todos vocês que trabalham duro como intérpretes em todo o mundo, esperamos que tenham algum tempo para respirar, descansar e desatar todos os nós. Aproveite! (DAIGLE, 2013, *tradução nossa*)[9]

"A língua existe não por si só, mas somente combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real" (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 262). A mensagem do autor/ artista surdo revela uma situação concreta, revela suas lembranças e observações sobre a atuação do tradutor/ intérprete de língua de sinais, e com base na sua compreensão sobre o que é o fazer deste profissional, demonstra respeito sendo evidenciada a polifonia.

c) Missão secreta: confidencialidade

Imagem 8
Quadrinho 3: Missão Secreta: confidencialidade

[9] *Hello friends,*
Last weekend we were at the LA Deaf Festival and saw many interpreters working so fast and so furious that we couldn't help but think, by the days end, they must have felt like Helen. So to all you hard working interpreters all over the world, we hope you take time to breathe, rest, and unwind all those. knots. Enjoy

ISSN 2236-4013

Publicação 14 de agosto de 2012.

Quadro 1:	Quadros 2, 3 e 4:	
Yes, I'm on my Way! Sim, eu estou a caminho!	Sons da ação de pegar os objetos com pressa...	
Quadro 5:	Quadro 6:	Quadro 7:
I'm on assignment./ Estou em uma missão. *Okay, bye love!/* Ok, tchau amor!	*Wow, it' late! Were's she going?* Uau, é tarde! Onde ela está indo? *She **can't** say.* Ela **não pode** dizer.	*...being married to as interpreter is like being married to a **secret agent**.* ...ser casado com uma intérprete é como ser casado com um **agente secreto**.

Tabela 3: Quadro de descrição e tradução da HQs 3

Nesta história em quadrinhos (imagem 8), a metáfora se apresenta de um modo diferente. Nas minúcias do texto verbo-visual o autor explica a metáfora. Após receber uma ligação, que não explicita de onde parte a chamada, a ilustração mostra a preparação da personagem para sair, sem dar pistas ao leitor de onde ela vai, inicia a construção da metáfora (imagem 9).

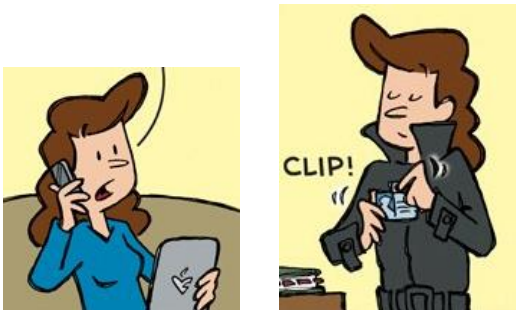

Imagem 9
Primeiro e terceiro quadro da HQ's 3

Quando a intérprete diz ao marido surdo que "está em uma missão", dá a entender a dimensão do trabalho que irá desempenhar. A enunciação dela em conjunto com as informações visuais apresentadas provocam a comparação entre as profissões de intérprete e de um agente secreto. E os indícios do texto conduzem o leitor para a construção de uma comparação. Em outro quadro, o marido afirma que ela não pode dizer aonde vai e ela sai pela porta rapidamente (imagem 10).

ISSN 2236-4013

Imagem 10
Sexto quadro da HQ's 3

Como de costume, no estilo do o artista/ autor deixa explicita a comparação com a seguinte enunciação: "[...] ser casado com uma intérprete é como ser casado com um agente secreto". A metáfora apresentada na terceira HQ representa a concepção sobre o intérprete como um que mantém a confidencialidade sobre o trabalho que executa, a inferência sobre a confidencialidade é explicitada também em outras postagens. Nesta, quando é indagado, o marido responde que ela não pode dizer aonde vai. Demonstra o entendimento sobre sua atuação e, sobretudo, sobre a ética na sua profissão. Quando enuncia, revela ideologia construída no diálogo social, que para Bakhtin se revela nas enunciações:

> O enunciado existente, surgido de maneira significante num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de "enunciação", não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN, 1990, p. 86).

Em toda enunciação há as palavras de *outros*. Este fenômeno ocorre tanto em citação direta quanto em enunciações que são consideradas uma posição pessoal e particular, pois as diversas vozes sociais em circulação não podem ser recusadas dos discursos dos sujeitos, elas os constituem e são reproduzidas e reelaboradas em cada nova interação (BAKHTIN, 2010).

A mensagem do artista/autor nos comentários deste post no Facebook:

> Olá amigos,

ISSN 2236-4013

> Minha esposa tem sido intérprete de língua de sinais por mais de 20 anos e ela leva seu trabalho a sério, especialmente, a parte sobre o seu trabalho ser extremamente secreto. Muitas vezes, quando de plantão, ela tem que sair de casa no meio da noite ... vestida de preto. Se as pessoas não sabem o que ela faz, podem pensar que ela está em uma operação secreta. Ela mantém tudo em segredo de modo que, até onde eu sei, ela poderia mesmo ser uma agente secreta. A vida é um mistério. (DAIGLE, 2012, *tradução nossa*)[10]

Podemos entender que tanto a história em quadrinhos como as mensagens refletem e refratam as relações entre os sujeitos e as situações discursivas que envolvem estes sujeitos. A dialogia, para Bakhtin, estabelece a interação verbal no centro das relações sociais. "Nenhum enunciado em geral pode ser atribuído apenas ao locutor: ele é produto da interação dos interlocutores e num sentido mais amplo, o produto de toda essa situação complexa, em que ele surgiu" (Bakhtin, apud Todorov, 1981, p.50). Os dizeres do autor, na história em quadrinhos e na mensagem, são motivados por essas relações sociais, entendimentos e concepções sobre o *outro*.

Nessa linha teórica, os quadrinhos, tratados como enunciados concretos, ao se configurarem como gêneros discursivos narrativos, cumprem um determinado papel comunicativo e trazem em seu tema questões sociais como o entendimento dos surdos sobre o papel dos tradutores/ intérpretes. Estes discursos produzem um acabamento mais ou menos estável.

O artista/ autor da história carrega suas concepções sobre os tradutores/ intérpretes, e suas enunciações são marcadas de uma interpretação coletiva e metafórica, comparando a ação do intérprete com situações que não retratam literalmente os acontecimentos, mas no sentido conotativo dos dizeres, e nas relações dialógicas representadas nas Histórias em Quadrinhos.

---

[10] *Hello Friends,*
My wife has been a sign language interpreter for over 20 years and she takes her job seriously, especially the part about her work being top secret. Many times, when on call, she would leave the house in the middle of the night... dressed in black. If people didnt know better they would think she was apart of some covert operation. She keeps everything a secret so as far as I know she COULD be a secret agent. Life is a mystery.

ISSN 2236-4013

Assim, como conteúdo temático, artista /autor, na primeira HQ, aborda, de maneira crítica, a situação da vida dos surdos de falta de comunicação com pessoas que não sabem a língua de sinais, em especial na HQ em que a paciente surda está sendo atendida em uma consulta médica, e há a necessidade de uma terceira pessoa para fazer a mediação comunicativa. Na segunda HQ, tematiza, de maneira humorada, as dificuldades do processo de tradução, do estudo das possibilidades de tradução e da revisão, tendo ele, o personagem surdo, um papel de colaborador. Na terceira HQ, explora a análise da profissão do tradutor/ intérprete de Língua de Sinais em comparação com a profissão de um agente secreto, evidencia as questões éticas e a confidencialidade envolvida na atuação.

Também na leitura do gênero a partir das três Histórias em Quadrinhos analisadas, pudemos observar os elementos para difundir discursos sobre os tradutores/intérpretes de língua de sinais. As HQ's se organizam de forma relativamente estável, com narrativa sequenciada cronologicamente apresentada nos quadros, de situações que se passam em diferentes ambientes, e a utilização da linguagem visual complementa e ajuda a construir o sentido do texto. No caso do trabalho deste artista/autor, as HQ's se utilizam do recurso estilístico pictórico para indicar quando as enunciações são em língua de sinais e quando são em língua oral. Ele explora a sequência de cenas para a apresentação da metáfora, alternância entre texto verbal e cenas sem texto verbal.

Dentre os vários aspectos que caracterizam os gêneros do discurso, a demanda de conclusibilidade dos enunciados se une ao estilo e sugere seus vínculos composicionais para definição do gênero, para Bakhtin (2017), onde há estilo há gênero e todo estilo está indissoluvelmente ligado ao enunciado e suas formas típicas. A conclusibilidade é aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso e é considerada como constitutiva do enunciado, é também a alternância dos sujeitos do discurso que suscita resposta. Os limites dos enunciados são marcados pela possibilidade de resposta, aspecto que lhe confere 'relativa' conclusibilidade.

ISSN 2236-4013

De tal modo que a discussão da arquitetônica do gênero não se finda, há que se considerar a possibilidade de direcionamento a alguém, de endereçamento, também como traço essencial, ou seja, constitutivo. Vemos nas HQ's deste trabalho, que a partir do conteúdo temático, das condições de produção e de circulação deste gênero, observadas também no suporte (virtual), há um endereçamento, a comunidade surda. Nas palavras de Bakhtin (2017, p.63)

> A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e influência deles no enunciado – disto depende tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado (BAKHTIN, 2017, p.63).

Observamos que o gênero história em quadrinhos, sobre tradutores/intérpretes de língua de sinais, pode fazer uso de um recurso estilístico da língua, como a metáfora, tanto verbal quanto visual, e como o observado neste trabalho, o uso de metáforas refletem e refratam as condições sociais e históricas da sua atuação, envolvendo as interações com a comunidade surda e ouvinte. O artista/ autor faz uso de uma construção composicional, apoiada na apresentação da língua de sinais em discurso corrente, alternância entre cenas somente com imagens e cenas com texto verbal, e a partir do suporte apresenta seu projeto discursivo verbo-visual.

Considerações finais

Neste artigo objetivamos apresentar uma breve análise das metáforas e da construção de sentidos de histórias em quadrinhos sobre intérpretes de língua de sinais publicadas em redes sociais direcionadas ao público da comunidade surda. Com base nas análises, podemos inferir que, nas histórias, na relação dialógica os tradutores/intérpretes são reconhecidos pela dificuldade do seu trabalho, tanto na atividade de tradução, quanto na atividade de interpretação, e que nos enunciados operam ideologia sobre essa atividade e sobre a relação entre surdos e profissionais. O autor/artista surdo, estabelece empatia, e, em uma elaboração enunciativa polifônica,

ISSN 2236-4013

dá voz e considera diferentes dizeres sobre o tradutor/intérprete no seu projeto discursivo, apresentando um rico diálogo para a comunidade surda.

Analisamos três HQs que abordam histórias com tradutores/intérpretes de língua de sinais, verificamos na construção composicional das histórias a apresentação da metáfora e a sua reapresentação/ explicitação, como uma necessidade da confirmação do sentido pretendido pelo artista/ autor.

Respondendo às questões de pesquisa, elencamos algumas possibilidades de acabamento sobre as Histórias. As metáforas construídas sobre o intérprete e transmitidas por estas histórias em quadrinhos foram: a) Interpretação rompe barreiras: acessibilidade; b) enrolar-se na interpretação: revisão, c) missão secreta: confidencialidade. Os discursos sobre os intérpretes de língua de sinais estão ideologicamente envolvidos de diferentes concepções sobre a tradução, desde o entendimento das dificuldades e esforço físico e mental na atuação do tradutor/ intérprete de língua de sinais, do entendimento da possibilidade de parceria entre surdos e ouvintes no trabalho de tradução, até as questões de disponibilidade do profissional para diferentes esferas de atuação até a condição de confidencialidade e atuação ética do profissional que atua na fronteira de duas línguas/ culturas.

O artista/ autor surdo, com o seu trabalho, de produção de histórias em quadrinhos, além de apresentar quadros sobre a vida dos surdos, curiosidades e especificidades da surdez, e as dificuldades de comunicação, expressa suas concepções sobre as relações humanas e a comunidade surda.

As metáforas utilizadas sustentam um discurso bem-humorado na relação entre a comunidade surda, usuária dos serviços de interpretação, e os profissionais. A vida imita a arte ou a arte imita a vida? Não sabemos ao certo, no entanto consideramos que os discursos da vida e da arte circundam as vozes sobre uma determinada realidade material, e que estes discursos permeiam a consciência cognoscitiva dos leitores, quer inseridos na cadeia discursiva se colocam também como elo na cadeia discursiva.

Referências

ISSN 2236-4013

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo, RODRIGUES, Rosangela Hammes. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. In: **Gêneros Discursivos & Interfaces Teóricas**. Revista Letras/Universidade Federal de Santa Maria – Programa de Pós-Graduação em Letras – n.1, (jan./jun.1991). – Santa Maria, RS: PPGL, 1991-V. 20, N. 40 (jan./jun.2010). p. 147-162).

SANTOS, Silvana Aguiar. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil:** uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. UFSC, 2013.

BAKHTIN, M. Mikhail. **O discurso no romance**. In: Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. (Trad. Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena S. Nazário, Homero F. de Andrade), 2ª ed., São Paulo: Hucitec, 1990.

BAJTIN, M. Mijail. **Problemas de la poética de Dostoievski**. Trad. Tatiana Bubnova México: FCE, 2004.

BAKHTIN, M Mikhail. **O autor e a personagem na atividade estética**. In: BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. Introdução e Tradução: Paulo Bezerra (1ª edição 1992) São Paulo: Martins Fontes, 5ª Edição, 2010a, p.3-194.

BAKHTIN, M. Mikhail. **Metodologia das ciências humanas**. In: BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. Introdução e Tradução: Paulo Bezerra (1ª edição 1992) São Paulo: Martins Fontes, 5ª Edição, 2010b, p.393-410.

BAKHTIN, M. Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5 Ed. Tradução direta do russo e posfácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2015 [1929].

BAKHTIN, M. Mikhail. **Os *gêneros do discurso***. Paulo Bezerra. (Organização, *Tradução*, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BASSNETT, Susan. **Estudos da Tradução.** Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica.** São Paulo: UNICAMP, 1996.

BRAIT, Beth. **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem.** In: _____. Bakhtin: dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2005, p. 87-107.

ISSN 2236-4013

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.

BRASIL. **LEI N° 10.436**, **de 14 de abril de 2002**, Dispõe sobre a língua de sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

BRASIL. **DECRETO Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**, Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRITO, Fábio Bezerra de. **O movimento social surdo e a campanha para a oficialização da língua brasileira de sinais.** Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade de São Paulo. 2013.

DAIGLE, Matt. That Deaf Guy. Facebook: webcomic page. Disponível em https://www.facebook.com/thatdeafguycomic/photos_stream

FARACO, C. A.; NEGRI, L. O falante: que bicho é esse, afinal? *Revista Letras*, Curitiba, n.49, p.159-170, 1998. http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18995/12309

FREITAS, Maria T. de A. A pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural: fundamentos e estratégias metodológicas. 30ª reunião da ANPED. 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/minicursos/ementa%20do%20minicurso%20do%20gt20%20.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GRILLO, Sheila. Vieira de Carvalho. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 14(2), p. 235-24. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59912> Acesso em: 24 abril 2014.

MINAYO, Maria Cecília de S. O desafio da pesquisa social. In: ____ (org.); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 9-29.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, out. 2015. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em: 16 maio 2018.

ISSN 2236-4013

RODRIGUES, Carlos Henrique. Translation and Signed Language: highlighting the visual-gestural modality. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 294-319, maio 2018. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p294/36481>. Acesso em: 16 maio 2018.

SILVA, Heber de Oliveira Costa e. **Tradução e Dialogismo**: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. UFPE: Recife, 2011.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: SKLIAR, Carlos (Org.). A surdez – um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 5-6.

SOUZA, Saulo Xavier. **Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de Letras-Libras.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2010.

TODOROV, T. Mikhail Bakhtine**. Le príncipe dialogique, suivi de Ecrits du cercle de Bakhtine**. Paris: Seuil, 1981.

VOLOCHINOV, Valentin. N. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Trad. Sheila Grillo e Ekatherina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ISSN 2236-4013